

## Comunicação II

OU

### A 2ª face da moeda

A porta da cela fechou-se atrás de mim. O ambiente era o mesmo de todas as outras celas da minha vida: o ar mofado, com sua leve aroma de metabolismo humano, a janela diminuta, e a escuridão. Mas, ao meus olhos se ajustarem ao escurecimento, notei a grande diferença: um companheiro de cela. Observei-o atentamente. Por bem ou por mal estávamos condenados a conviver, e este "bem" e "mal" faziam toda a diferença. Na escuridão sua presença se resumia num par de olhos de aros prateados, e detrás destes dois olhos penetrantes e sonhadores um intelectual! Mas de que espécie? Observei-o enquanto ele andava de cima para baixo com as mãos entrelaçadas detrás das costas, com passos um tanto pomposos, imerso em meditação profunda, que não parecia deixar lugar para detalhes secundários, como sua condição atual. Parou de repente, e ouvi pela primeira vez sua voz melódica e bastante afetada dirigir-se a mim: "Favor o vas-ooo", o último "o" recebendo três intonações diferentes.

A voz levou-me num amplo salão, sobriamente mobiliado. Minha cela transformou-se num sarau intelectual. E a mesma voz continuou do centro do salão: "...de símbolos meus caros. Um mundo de símbolos. Com isto o senhor demicalvo jogou sobre a mesa um maço de cigarros. "Agora no fundo do cérebro começa a funcionar o gigantesco ciclotron que ao focalizar este maço, envia seus raios de concepções caracterizantes provenientes de um intro-extroprojektor, que absorvendo as experiências existenciais transmite-as ao subconsciente, que canaliza-as ao ciclotron, que é uma outra face do subconsciente, e que reverte os finalmente ao objeto, dando-lhe sua simbologia exata. Mas assim como o átomo é uma estrutura homogênea, o objeto também deixa de existir sem a sua coroa de símbolos determinantes. Assim objeto é símbolo, que é o próprio ciclotron visto de fora, que é o subconsciente, que por analogia é o intro-extroprojektor. Tudo isto é muito complicado, — e o senhor demicalvo apontou ao cigarro, — mas o problema é tremendamente complexo. Num ecrã vertical-encrenque o mesmo processo nos seguintes planos: 1º O objeto real, inognoscível. 2º A vivência. 3º O ego, o Id e o Superego. 4º O símbolo 5º A intuição. 6º Só é concebível pelos hindús 7º Sua existência é suspelada pelos papuas 8º O silêncio. 9º O Nede-elos O Diabo.

Mas o que faz ele aqui? Seu total desinteresse pela realidade, pela "lá fora", pelo "quanto tempo" enfim pelas curiosidades costumeiras, indicavam um cérebro abstraido, tegrício, um torre de marfim metafísico. Deve ser um malentendido qualquer. Entretanto o silêncio estava se tornando insuportável. Era preciso dizer-lhe algo, noussas relações não podiam resumir-se em "Passa o vazo-Devolva o vazo".

Mas dizer o que? O que dizer a um homem para quem o mundo prático se resume no metabolismo e um extro-introprojektor? O que será que ele pensa de mim? Ele ouviu minha voz tocou ao responder seu pedido, e provavelmente vê nos meus olhos os sinais dos meses de guerrilhas, do frio e da fome. Mas ele nem sabe, que se luta lá fora! Pela voz ele me dá por "primitivo" e pelos olhos por um "bruto". Percebe também, que tenho sono. Mas para ele, ter sono a dia é sofrer de insônia, ou ser ladrão a noite. Ele já tirou as conclusões: sou um criminoso comum.

Entretanto também ele é Homem. Por mais grosso que seja a camada de marfim, ele compartilha da nossa abjeta vulnerabilidade. Se eu apelar para a "fraternidade universal da dor", ele me compreenderá. Dizei o que aconteceu ontem, friamente, sem exaltação. Assim: "Um dos meus camaradas recebeu uma baionetada e gritava pela mãe, o outro partiram-lhe a cabeça, e não chamava mais ninguém... Eram meus amigos." Isto é que devo dizer. Não se pode ver, ouvir, cheirar o sofrimento, sem vivê-la, sem ter o mínimo que fôsse de piedade, de revolta. Ele compreendea.

2

Lembrei-me do sarcou intelectual, e desisti. Ele me condenará em nome de alguma estética, cerei mais bruto ainda, um pornógrafo. Existem certos sonhos íntimos, como de banheiro e de boudoir, que não se deve tocar. São nojentos, e ferem o sentimento de pudor. Um Gentleman respeita a sensibili dade alheia. Pobre meu amigo. Tuas últimas palavras, o nome de tua mãe, pronunciado na dôr final é pornografía, tuas feridas são antiestéticas. Falhaste como Gentleman. Descans em paz.

Talvez se fôsse menos subjetivo; se traísse menos meus sentimentos exasperados. Se dissesse: "Vê uma vala contendo quinze mil cadáveres". Ele ficará alarmado, a conversa estará entabulada, e eu poderei conduzi-la de tal maneira, que possa cantá-lhe tudo, porque preciso contar, e demais para que um homem possa guardá-la em si só-zinho. Analizei a sentença, tentei ouvi-la com seus ouvidos, e logo percebi o absurdo da idéia; quinze mil cadáveres! ou vinte mil cachorro-quentes! ou então Um milhão de gafanhotos! São numerais que qualificam substantivos, simples construção gramatical. O que significam quinze mil cadáveres para um homem, que nunca viu um sequeer? E se fôsse ver? Se conseguisse sequestrá-lo da sua torre para sequeer-lhe? Não faria muita diferença. Ver é muito pouco para crer. Diria categoricamente como a criança incrível que nunca viu um sequeer: "Tal animal não existe"; ou então nunca mais abriria um livro: "Tal

Naturalmente, há sempre a filosofia. Imaginei como êle ficaria abismado, se eu comessese fala de, por exemplo de lógicas. Ficaria confundido, seria mais uma experiência inteiramente nova talvez a mais chocante desde que tiraram-no tão rudemente do seu habitat, os sarcasos intellectuais. Um espirito cultivado que não se sublimou. Um filósofo que suja as mãos. Incrível! É bem que podia surpreendê-lo. Eu também já sorvi "o doce vinho embriagante da filosofia," e apreciei-o bastante desde então ví muitas valas comuns, e ouvi meus camaradas estertorar a palavra: mãe, e desde então pouco me dá-se as palavras expressa ou não toda a verdade, porque o que expressam já me basta. É por isto sujei as mãos.

Não, não posso falar de filosofia. Seria hipocrisia, e mais ainda, depois de viver o que eu vivi, seria traição. Isto é algo que êle nunca entenderá. Envolvido hermeticamente por grossos paredes de marfim, não suspeita que existimos nós, que encaramos o mundo detrás de um milimetro de epiderme. Não compreende que para nos a única filosofia possível, o único que nos retém na beira do abismo, que não leva diretamente ao suicídio ou à inautenticidade, é fechar os punhos, cerrar os dentes, e gritar: "Merda"! Levantamos a cabeça, e através das lágrimas gritamos em desafôro: "Não adianta!" E continuamos a sujar as mãos, porque nem todos estão na vala ainda, e enquanto sobrar um sequeer, continuaremos a fechar os punhos, cerrar os dentes, e encerrar o Universo a frente a berrar lhe no rosto: "Não vale a pena viver, mas só de pirraça continuaremos." Tudo isto está expressa naquela palavra.

Tão pouco posso dizer isto. Nossos conceitos daquela palavra são inteiramente divergentes. Nós, que vivamos dentro da sarjeta, construímos nossa linguagem figurativa de acordo com este mundo. Mas êle, que troca as roupas de baixo todos os dias, não poderá fugir à exata conotação gramatical do termo. Para êle, aquela palavra seria... ela mesma. Seria novamente taxado de rufião.

Neste momento o homem parou, e disse: "Mulhê faz falta a gente não é?" Exatamente isto. Incrível! Aquela familiaridade condescendente lembrava-me do meu tio, pequeno burguês dos melhores, que de vez em quando resolvia ser democrático, virava-se ao cochoiro, e dizia: "Então seu João uma chuveinha não faria mal não é?" E depois aquela frase! Não tinha dúvidas, que na escala de suas necessidades presentes a mulher ocupava o sopé da lista. E sem dúvida não sentia a mínima falta de uma mulhê. Tudo isto era tão assombrosamente inverossímil, que parecia sair diretamente de uma peça de Ionesco. Lembrei-me da resposta

3

costumeira do "seu" João, e respondi de acordo: "É".

Que mais posso dizê-lhe? Que mais pode êle dizer-me?  
Que tópico permitiria respostas mais substanciosas? Não há nada.  
Boca calada pois, e nas nossas relações, que reine o vazio!